



ISSN: 2230-9926

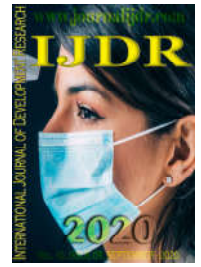
Available online at <http://www.journalijdr.com>

IJDR

International Journal of Development Research

Vol. 10, Issue, 09, pp. 40543-40545, September, 2020

<https://doi.org/10.37118/ijdr.19955.09.2020>



RESEARCH ARTICLE

OPEN ACCESS

A DOCÊNCIA E OS DESAFIOS DE TRABALHOS REMOTOS: REFLEXÕES NA PERSPECTIVA DAS PRÁTICAS SOCIAIS DE LETRAMENTO

¹Nazarete Andrade Mariano, ²Cristiane M. Leal Rebouças, ³Jean Pinheiro Moreira, ⁴Aline Alves da ⁵Silva and Maria Alice Siqueira da Silva

¹Profa. Msa. UPE-Campus Petrolina/Sec-BA, ²Profa. Esp. Sec-PE; ³Prof. Esp. Sec-BA; ⁴Letras UPE; ⁵ProfaSec-BA

ARTICLE INFO

Article History:

Received 16th June 2020

Received in revised form

08th July 2020

Accepted 11th August 2020

Published online 30th September 2020

Key Words:

Docência. Desafios. Trabalhos Remotos. Educação Básica.

*Corresponding author:

Nazarete Andrade Mariano,

ABSTRACT

Este estudo tem por finalidade refletir sobre os desafios que os professores e as professoras vêm enfrentando no desenvolvimento das atividades da cultura escolar em domicílio, considerando os trabalhos remotos e as atividades síncronas e assíncronas. O referido texto é resultado de discussão entre quatro professoras e um professor da Educação Básica em live apresentada por um canal virtual. Para fundamentar as discussões sobre letramento Street (2011); letramento digital pensada por Buzato (2006). Sobre o festival de incertezas, Morin (2020). Nóvoa (2020), sobre o papel central do docente na cultura escolar. As reflexões são pertinentes para repensá-lo da docência na cultura escolar em domicílio, especialmente, no que concerne às práticas sociais no ambiente virtual.

Copyright © 2020, Jadelson da Silva Santos et al. This is an open access article distributed under the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.

Citation: Nazarete Andrade Mariano, Cristiane M. Leal Rebouças, Jean Pinheiro Moreira, Aline Alves da Silva and Maria Alice Siqueira, 2020. "A docência e os desafios de trabalhos remotos: reflexões na perspectiva das práticas sociais de letramento", *International Journal of Development Research*, 10, (09), 40543-40545.

INTRODUCTION

A crise da pandemia da Covid-19 levanta várias questões voltadas à cultura da escola. Uma das questões está voltada às relações virtuais e humanas com o cuidar não apenas dos estudantes, mas os cuidados da docência com seus pares, também. Esta é uma discussão que vem sendo extensamente discutida nos mais diversos debates sobre Educação, especialmente, da Educação Básica. O propósito deste texto é de refletir alguns, dos mais diversos desafios aos quais a docência é desafiada para o desenvolvimento das atividades da cultura escolar em domicílio, considerando os trabalhos remotos e as práticas sociais de letramento. Especialmente, no contexto da Escola Pública nas cidades fronteiras - Juazeiro-BA e Petrolina-PE. Para tanto, as discussões sobre letramento, letramento digital pensada por Street (2011) e Buzato (2006); Nóvoa (2020) que traz uma recente discussão sobre a docência como vetor central na cultura escolar. O descortinar das incertezas que Morin (2020) traz no texto Festival das incertezas. E o capitalismo informacional, Castells (1998). O estudo está organizado em dois tópicos que tratam da docência e o enfrentamento dos desafios nas atividades remotas que vai desde as dificuldades com acesso à internet, à falta de recursos

necessários no desenvolvimento das atividades de ensino e aprendizagem. Além de uma abordagem sobre letramento e letramento digital nas diversas plataformas de ensino que traz uma reflexão sobre os desafios de professores com as atividades remotas síncronas e assíncronas. Por fim, as considerações com relevâncias sobre as reflexões de atividades remotas, considerando o período de aulas virtuais.

A DOCÊNCIA E O ENFRENTAMENTO DOS DESAFIOS NAS ATIVIDADES REMOTAS

As expressões síncrona e assíncrona não faziam parte do rol de palavras nem da prática do professor da Educação Básica. Diante da pandemia ocasionada pela COVID-19 as aulas foram suspensas em todo território brasileiro. Porém, o que se observa é que a educação não ficou estagnada, imediatamente, professores das escolas públicas e privadas precisaram se reinventar. Como isso foi possível?

Como nos lembra de Nóvoa (2020) a Educação é um encontro humano e o professor continua sendo a figura central na escolar. Com isso, os novos ambientes virtuais foram se

configurando a partir desse encontro: um suporte cada vez mais humano. Todavia, é necessário considerar as diversidades de aspectos e categorizações distintas entre instituições, a exemplo, do público e do privado. Especialmente, quando estas advêm dos recursos materiais. Vale ressaltar que houve um curto espaço de tempo para que os docentes pudessem digerir a situação a qual estavam submetidos. Nada que impedisse a continuidade, pois houve um alinhamento, um ajuntamento entre professores que dominavam as ferramentas tecnológicas, promoviam e ainda promovem momentos gratuitos para minimizar dificuldades no que se refere ao trabalho docente em ambiente virtual. O que se percebe é o aflorar do lado autodidata dos profissionais da educação. A sociedade que talvez esperasse o silêncio e as acomodações ficou perplexa, pois diante de tantas dificuldades de cunho organizacional, estrutural de séculos, não foram capazes de impedir que a educação chegasse aos diversos espaços geográficos e contextos.

As dificuldades pontuais se devem ao excesso de trabalho, uma vez que o professor passou a assumir jornada tripla, preparação de aulas, momento de ministrar as aulas e o auxílio individual e particular fora de seu expediente, aos educandos, através de Redes Sociais e aplicativos de mensagem instantâneas. Inclusive, seus direitos de imagem cedidos para várias instituições de ensino. É importante destacar que durante este período de transição da cultura escolar do presencial para o virtual, a jornada doméstica pessoal de muitos professores e professoras necessitou ser alinhada a seu labor profissional. Infelizmente, nem todas as escolas comungam das mesmas condições, há exemplos de escolas que ministram suas aulas 100% online, cumprindo, totalmente, sua carga horária. Enquanto que outras, o professor se tornou um produtor e editor de vídeos, o ônus de transformar o seu lar em um ambiente de trabalho gerou custos a essa classe trabalhadora, sem ressarcimentos.

Diante deste cenário, é vislumbrado o capitalismo informacional que, segundo Castells (1998: 73), é caracterizado simultaneamente por um desenvolvimento ou subdesenvolvimento econômico, inclusão ou exclusão social. Mas, é de suma importância pontuar que o problema da educação não resulta do fracasso docente, mas da falta de investimento adequado dos órgãos competentes. Sem falar da discrepância social de classes no que tange recursos econômicos e tecnológicos. Neste período de aulas remotas, é perceptível o protagonismo docente de forma categórica que mesmo trabalhando sem o suporte necessário foi capaz de manter o conhecimento do Ensino Básico ativo, não de forma ideal, mas superando limites adversos. Logo, mais uma vez os educadores da Educação Básica foram convidados a mais um enfrentamento de tantos desafios. Se já havia uma série deles, agora estes desafios se agigantaram com tamanha velocidade que as práticas de sala de aulas remotas assumiram o controle do tempo. Se o professor já não tinha tanto tempo livre a sua disposição com as atividades remotas ficou ainda mais escasso.

O LETRAMENTO E LETRAMENTO DIGITAL NOS DIVERSOS AMBIENTES DE ENSINO

O atual cenário de crise sanitária lança alguns desafios de cunho teórico e metodológico para o processo formativo educacional, o qual demanda da comunidade acadêmica e científica a elaboração de estratégias que assegure a

efetividade do processo de ensino-aprendizagem. Considerando, com isso, as transformações ocorridas nas práticas sociais, bem como seu reflexo nas instituições escolares, sobretudo no que se refere ao processo de aquisição da tecnologia escrita, um dos objetos de estudo deste trabalho.

A partir disso, é fundamental trazer à tona a competência escolar, leitura e escrita, pois ela perpassa todas as etapas do processo formativo institucional - do nível elementar ao avançado - e assenta as bases para o desenvolvimento dos demais componentes que integram o processo da formação escolar. Para tanto, cabe discorrer sobre o processo que possibilita a aquisição da tecnologia escrita, tradicionalmente conhecido como *alfabetização/letramento*, como destaca Magda Soares:

[...] considera-se que é à escola e à escolarização que cabem tanto a aprendizagem das habilidades básicas de leitura e de escrita, ou seja, a *alfabetização*, quanto o desenvolvimento, para além dessa aprendizagem básica, das habilidades, conhecimentos e atitudes necessários ao uso efetivo e competente da leitura e escrita nas práticas sociais que envolvem a língua escrita, ou seja o *letramento* (SOARES, 2003, p. 89).

No entanto, apesar do letramento compor o processo de acesso à tecnologia escrita e ter estreita ligação com a alfabetização, a relação entre letramento e escolarização não é tão natural quanto a alfabetização (SOARES, 2003). Essa discrepância se dá pela complexidade conceitual de letramento e sua aplicabilidade, além de ser uma perspectiva consolidada, enquanto concepção e metodologia de ensino, relativamente nova. Alfabetização, portanto, entende-se o acesso a tecnologia escrita e letramento ao uso efetivo que se faz, nas práticas sociais, dessa escrita. Portanto, é fundamental compreender que o letramento não depende da alfabetização para ocorrer, uma vez que o indivíduo não alfabetizado pode ser letrado em seus processos distintos de outras pessoas, pois o letramento é círculo e está nas práticas sociais de escrita, (SOARES, 2003).

Assim o letramento pela sua natureza social, compõe uma ampla caracterização e categorização e tem como um dos percussores e teóricos, Brian Street, o qual formula dois conceitos de letramento, a fim de, também, evidenciar o papel formativo da escola e estabelecer o caráter múltiplo do letramento. Street, em seus estudos etnográficos sobre a aquisição da tecnologia escrita destaca o binômio modelo de letramento: o autônomo e o ideológico.

São modelos que se confrontam, ao passo que o primeiro apresenta uma perspectiva neutra, descontextualizada, sem influência dos determinantes culturais e das estruturas de poder para a aquisição da escrita, o segundo vai negar isso e vai dizer que o modelo ideológico se insere numa perspectiva em que os marcadores sociais determinam as práticas de letramento e que, portanto existem vários tipos de letramentos acontecendo nos espaços sociais e, por isso, sua natureza complexa, pois enquanto a perspectiva *autônoma* apresenta resultados precisos, em curto período de tempo, o *ideológico* vai ao sentido inverso, é gradual, progressivo, demorado.

Em seu texto *Os novos estudos sobre o letramento: histórico e perspectivas, ao conceituar* o “binômio” letramento *autônomo-ideológico*, em suas viagens para pesquisar letramento etnograficamente, Street (2010) discorre:

[...] presume-se, nesse modelo – autônomo –, que o letramento é uma coisa autônoma, separada e cultural; uma coisa que teria efeitos, independentemente do contexto. Nessa concepção, alguém poderia se sentar em grandes cidades, na UNESCO, em Paris, por exemplo, e criar um programa de alfabetização que serviria para todos os lugares. (Street, 2010, p. 36, grifo do autor). [...] Minha experiência no Irã e em todos os outros lugares, pelo contrário, me diz que o letramento varia. As diferenças entre o letramento comercial, o letramento do Alcorão, o letramento escolar são consideráveis. As pessoas podem estar envolvidas em uma forma e não em outra, suas identidades podem ser diferentes, suas habilidades podem ser diferentes, seus envolvimento em relações sociais podem ser diferentes. Por isso, selecionar só uma variedade de letramento pode não ter os efeitos que se espera. Refiro-me a esse modelo como modelo ideológico; não só cultural, embora seja isso, mas ideológico porque há poder nessas ideias (Street, 2010, p. 37)

A partir dessa perspectiva de letramento é possível perceber sua complexidade e multiplicidade, bem como a relevância para a aquisição da tecnologia escrita e seu efetivo nas práticas sociais.

Na contemporaneidade, é preciso reconhecer que há uma relação concreta entre as práticas sociais de leitura e escrita com a tecnologia digital e que, portanto, há uma forma de letramento – digital – que precisa ser explorada e compreendida enquanto mecanismo de ensino-aprendizagem.

Contudo, Street (2010), demonstra preocupação na proliferação dos tipos de letramento relacionados à tecnologia, e chama atenção para o componente marcador de letramento: o fator social. Assim a tecnologia, de forma isolada, não pode determinar a natureza do letramento, mas os usos sociais que se faz dessa tecnologia. Apenas ler um livro convertido em PDF no computador ou celular não se concretiza, efetivamente, num tipo de letramento, porém quando ocorrem novas formas de construir conhecimento, mudanças de comportamentos que o uso da tecnologia determina, então podem ser observadas em uma prática social de letramento sendo desenvolvida nesse ciberespaço.

O professor e pesquisador Marcelo Buzato define bem o que podemos entender enquanto um novo paradigma de letramento:

Letramentos digitais (LDs) são redes de letramentos (práticas sociais) que se apoiam, entrelaçam, e apropriam mútua e continuamente por meio de dispositivos digitais (computadores, celulares, aparelhos de TV digital, entre outros) para finalidades específicas, tanto em contextos socioculturais limitados fisicamente, quanto naqueles denominados online, construídos pela interação social mediada eletronicamente (BUZATO, 2006, p. 16).

Nessa ótica, Street (2010, p. 45) deixa bastante claro quanto ao marcador desta perspectiva de letramento “Letramento digital está no meio do debate neste momento. Gosto de usar o termo, desde que não signifique que a tecnologia está determinando a prática. É sempre o contrário: as práticas sociais determinam como usamos a tecnologia.” É entendível a confusão que se faz ao classificar apenas o uso técnico de um aparelho digital como uma prática social de letramento.

Considerações

Tratar dos desafios da docência da Educação Básica, especialmente, nas Escolas Públicas é de fundamental importância para uma reflexão sobre o ensino e atividades remotas considerando a perspectiva das práticas sociais de letramento. A relevância ocorre pela importância de refletir, principalmente, no cenário atual, em que o isolamento social – motivado pela Covid19 – impulsionou a criação de uma variedade infindável de plataformas digitais que oferecem ensino educacional, a natureza das práticas que está se fazendo da escrita e da leitura se configura numa experiência de letramento ou apenas o uso técnico de tais ferramentas.

Logo, essas incipientes discussões devem ser ampliadas, inclusive, em pesquisas no campo educacional, tendo como foco as práticas docentes, as condições de trabalho, especialmente, no ambiente remoto de atividades síncronas e assíncronas, sem deixar a perspectiva de práticas sociais de letramento, inclusive, neste debate dessas práticas nas tecnologias digitais.

REFERÊNCIAS

- BUZATO, M. E. K. Letramento digital: um lugar para pensar em internet, educação e oportunidades. In: CONGRESSO IBERO-AMERICANO EDUCAREDE, 3., São Paulo, 2006. Anais... São Paulo: CENPEC, 2006. s/p.
- CASTELLS, M. The information Age: Economy, Society and Culture, v. III End of Millennium. Oxford: Blackwell Publishers, 1998.
- MARINHO, Marildes; CARVALHO, Gilcinei Teodoro. Cultura escrita e letramento. Belo Horizonte-MG: Editora UFMG, 2010.
- MASAGÃO, Vera. Letramento no Brasil. São Paulo: Ação Educativa, 2003.
- MORIN, Edgar. Um festival de incertezas. Gallimard. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/599773-um-festival-de-incerteza-artigo-de-edgar-morin>>. Acesso em: 19 jun. 2020.
- NÓVOA, Antônio. Formação Continuada. YouTube, 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7kSPWa5Nio> Acesso em: 30 de julho de 2020.
- NÓVOA, Antônio. Formação de professores e profissão docente. Lisboa: Dom Quixote, 1992.
- SKOVSMOSE, Ole. Educação crítica: incerteza, matemática, responsabilidade; tradução de Maria Aparecida Viggiani Bicudo. São Paulo: Editora Cortez, 2007.
